

O homem e o mar: “Ode marítima”, de Álvaro de Campos e “O mar é História”, de Derek Walcott

Antony Cardoso Bezerra*

Resumo

A investigação de temas estruturadores da composição literária é, no campo da crítica, tarefa usual. Neste artigo, analisa-se, levando em consideração a inserção histórica do tema ‘mar’, dois poemas de relevantes autores da tradição ocidental: o português Álvaro de Campos – heterônimo de Fernando Pessoa – e o santa-lucense Derek Walcott. Por meio de referências que norteiam o estudo de temas, a consideração da proposta estética dos autores em foco, e o diálogo entre poesia e realidade leu-se “Ode marítima”, de Álvaro de Campos e “O mar é História”, de Derek Walcott em paralelo, evidenciando a maneira como o contraste entre o eu e o mundo constitui uma visão historicizada do ‘mar’.

Palavras-chave: Mar; Poesia; História; Álvaro de Campos (Fernando Pessoa); Derek Walcott.

Introdução

Não é raro, na comparação de textos literários, o estudioso basear-se em similaridades advindas do influxo de um texto – ou de um grupo de textos – em outro(s). Trata-se de um conceito que encontra considerável repercussão no escopo da Literatura Comparada: a influência.

Acha-se aceitável a assunção de uma tal postura, mas acredita-se ser mais pertinente a análise comparada de peças literárias tendo-se por norte não apenas a busca de parencas, e sim observando-se o papel de um dado tema – ou forma, ou motivo, embora não sejam esses os fatores contemplados em meu estudo – em diferentes situações de produção. Dito em outras palavras: de que maneira cada indivíduo, imerso em sua própria cultura, mas, simultaneamente, dialogando com

* Universidade de Pernambuco – UPE.

a tradição literária, lida com um tema? Responde-se à questão analisando dois poemas do século XX: “Ode marítima”, de Álvaro de Campos (Fernando Pessoa), e “O mar é História”, de Derek Walcott. Para tal, levanta-se a problemática do tema na Literatura Comparada (MACHADO; PAGEAUX, 1988, e SMEKENS, 1995) e as relações entre gênero literário – poesia, mormente – e História (MOISÉS, 1977). Procedo, ainda, ao inquérito à proposta estética dos poetas enfocados à luz, fundamentalmente, de Isabel Pascoal (1995) e de Édouard Glissant (1992).

Em apêndice ao trabalho, encontra-se minha proposta de tradução de “O mar é História” à Língua Portuguesa. O poema, salvo melhor juízo, permanecia inédito nesse idioma.

A recorrência de temas e de motivos na Literatura

Antes de mais, cabe-nos problematizar a noção de tema em distinção à de motivo, haja vista a confusão entre ambas não ser rara. Segundo Smekens (1995), são flutuantes os conceitos de tema e de motivo, a depender da perspectiva que se adote. No plano da tematologia, o tema estaria, hierarquicamente, acima do motivo – este constituiria uma espécie de interpretação do tema. Para os adeptos da crítica temática, o quadro seria configurado de maneira oposta; ou seja, o motivo teria um estatuto mais amplo que o do tema – o motivo do sedutor, por exemplo, seria efetuado pelo tema de Don Juan. Das duas perspectivas, acredito ser a primeira mais coerente, o que me faz seguir Machado e Pageaux, segundo os quais “deverá chamar-se ‘tema’ a tudo aquilo que é elemento constitutivo e explicativo do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto.” (MACHADO; PAGEAUX, 1988, p. 116). A função do tema, portanto, é conferir organicidade aos elementos – formais ou conteudísticos – pertinentes à realização literária.

Se o tema está ligado a um dado momento da História, bom será inscrevê-lo em uma tal perspectiva. Não uma História tida como absoluta, e sim aquela em que se reconhece o bafejo da subjetividade – como subjetivo, por excelência, é o texto lírico. Deriva daí, portanto, a possibilidade de, também na lírica, detectar-se a construção de uma História – individualizada, fragmentária, mas, ainda assim, História.

O conhecimento poético – um de vários no mundo e, ao mesmo tempo, todos contidos em um só – gozaria de posição destacada no mundo contemporâneo, em que

cada homem que se quiser verdadeiramente humano ver-se-á na contingência de assumir, ou reproduzir em sua mente, toda a humanidade,

do mesmo modo como a estrutura do átomo (dizia-se) repete a do universo. (...) Humanidade desintegrada significa a multiplicação de pontos de vista, ou modos de se colocar diante da realidade, em número igual ao das partes (= indivíduos) resultantes. Como diriam os matemáticos, n pontos de vista. (MOISÉS, 1977, p. 22)

Trata-se de constatação que acaba por inserir a composição em um plano mais amplo, o cultural. Inspirado por Smekens (1995), julgo que, no estudo imanente do tema, deixa-se de lado a explicação em benefício da explicitação. Por essa razão, julgo que circunscrever-se o tema ao texto – como estrutura isolada do mundo – não consiste senão em redução.

O tema do mar, sabidamente, acompanha todo o percurso da instituição literária. É apontado, por Machado & Pageaux (1988), como um dos que mais se estudam no âmbito da Literatura Comparada. No entanto, os dois teóricos alertam, pertinentemente, para o fato de que seria problemático apontar o mar como um ‘universal’, como é o desejo de certos críticos. Parece evidente que o estabelecimento de alguns elementos como providos de um caráter com tal abrangência seria capaz de produzir não mais que generalizações, uma vez que a inextricabilidade de um tema e seu contexto – e também do plano autoral – é estatuto patente, desaconselhando a assunção de uma perspectiva da permanência incólume de um dado tema ao longo das épocas. Em um percurso transtemporal, os diferentes temas, ao menos, recebem novos tratamentos e desempenham funções distintas no texto literário, o que põe por terra a coleção acrítica de referências a determinada temática. Deriva daí a seguinte ideia: “Seria preferível não falar de temas universais, mas sim de elementos sem dúvida recorrentes, embora reinvestidos simbolicamente de diferentes maneiras, segundo o espaço cultural e o momento histórico analisado.” (MACHADO; PAGEAUX, 1988, p. 117). Ver o mar como elemento responsável pela estruturação da composição literária, assim, vai muito além da mera detecção de sua presença como dominante em uma determinada obra.

“Ode marítima”, de Álvaro de Campos (Fernando Pessoa), e “O mar é História”, de Derek Walcott

Iconoclasta, dentre os heterônimos concebidos pelo poeta português Fernando Pessoa (1888-1935), Álvaro de Campos, nas palavras de seu criador:

nasceu “no dia 15 de outubro de 1890. (...) é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está (...) em Lisboa em inatividade. (...) é alto (1,75 de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco

tendente a curvar-se. (...) entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. (...) teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o ‘Opiário’. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.” (PESSOA, 1976, p. 54)

É o poeta do Futurismo, capaz, inclusive, de superar a estética do movimento; também o dos excessos, das imagens desconcertantes e, não raro, agressivas. Posto ao lado dos dois outros principais heterônimos pessoanos – Alberto Caeiro e Ricardo Reis –, Campos se diferencia pela ‘autoria’ de uma obra que evolui artisticamente. “Ode marítima”, em seus novecentos e quatro versos, é uma “espécie de delírio verbal”, construindo-se em um “dinamismo incontrolável” (MOISÉS, 2005, p. 86). A estreia do poema em letra impressa se deu em junho de 1915, no segundo número da revista **Orpheu**.

Derek Walcott, galardoado com o Prêmio Nobel de 1992, é, em suas próprias palavras, “primária e absolutamente um escritor caribenho” (MORRIS, 1995, p. 176). Nascido em Santa Lúcia, no ano de 1930, atuou em diversos gêneros, sendo a poesia e o teatro os que cultivou com maior reincidência. O expresso vínculo às Caraíbas, no entanto, não transformou o escritor em um indivíduo que primasse apenas pelas marcas do localismo: “ele sempre proclamou, também, sua participação ativa em uma dimensão mais ampla, a da família humana; nesse sentido, sustentou a noção de que a maturidade é a assimilação das marcas de cada um dos ancestrais.” (MORRIS, 1995, p. 176). O livro de poesia **O reino do caimito** foi lançado em Nova Iorque no ano de 1979, e, em Londres, no ano seguinte. Desprezando o medo da imitação – “algo para poetas menores”, nas palavras do próprio escritor (WALCOTT *apud* MORRIS, 1995, p. 179) –, abraça várias influências e busca debater a História em uma condição de amplitude, rechaçando o que considera uma raiva cega das referências ocidentais (particularmente, das eurocênticas). O poema “O mar é História”, debatido no presente estudo, é parte do volume referido.

O poema “O mar é História” é construído em sequência a um plano histórico, sem, no entanto, respeitar a organicidade e a linearidade cartesianas, consistindo, muito mais, em uma colcha de retalhos que apresenta a comunidade transfigurada na visão individual – e, fato relevante, a memória do caribenho. São as diversas histórias subterrâneas – no caso de Walcott, submarinas –, todas a convergir, a que alude Glissant (1992). Consistem nos eventos recônditos que não se apagam da memória coletiva.

Em “Ode marítima”, o eu-lírico de Álvaro de Campos mostra-se permeável, em não poucos momentos, à introspecção. Se, no poema, há a descrição de paragens e de aventuras distantes, é sempre o anseio da instância enunciadora em vivenciar diferentes experiências – uma espécie de projeção – o elemento catalisador dos planos. Desde os primeiros versos, uma tal característica se evidencia:

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,
Olho prò lado da barra, olho prò Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um pacote entrando
(PESSOA, 1995, p. 153)

É uma experiência individual, o avistar-se um pacote, que desencadeia uma série de imagens na mente do poeta vanguardista. As sensações, em que pese a atingirem o plano da História dos mares, são eminentemente individualizadas, o que implica, de forma definitiva, a expressão do que o eu é capaz de enxergar no mundo. Nas palavras de Pascoal, vale ressaltar, não se está em uma viagem apenas interior, como bem se verifica em Pessoa ele-mesmo, protagonista de “uma viagem por dentro de si, imaginária, ‘enlouquecida’ da palavra”(PASCOAL, 1995, p. 24). Por ser capaz de transcender esse estrato, talvez seja Campos o mais sensato dos heterônimos, até mesmo por evoluir em sua visão poética.

O mar de Walcott bem apresenta outros contornos. Desde um momento inicial de “O mar é História”, afirmam-se as impressões do eu-poético, não como uma série de percepções respeitantes apenas a si próprio, mas que invocam, de pronto, uma dimensão muito maior: nesse caso, a da História ocidental. A transfiguração da memória comunitária – à luz da tradição bíblica cristã – pelas experiências individuais, se não apaga as marcas líricas inerentes ao poema, confere-lhe um quê de épico, pois que diz respeito, o texto, a um pôr-se de lado o ensimesmamento em benefício de uma abrangência que também pode ser estabelecida no texto lírico.

Onde estão os seus monumentos, suas batalhas e mártires?
Onde está a memória da sua tribo? Estão,
Senhores, naquela catacumba de tons cinzas, o mar. O mar
Tem tudo trancado dentro de si. O mar é História.
(WALCOTT, 1977, p. 25).

As afirmações não afloram, explicitamente, do desejo individual de experimentar o que passou, e sim de uma constatação da natureza como espelho da História – ou vice-versa. Além disso, manifesta se mostra a nota épica do texto na medida em que se lê a referência à “tribo”, representação nítida da comunidade

ancestral. O mar, assim, longe de ser um lugar de contemplação, assume um papel de relevo como o guardião – ou o elemento de ocultação? – da História.

Se a dimensão assumida pelo mar discrepa em Walcott e Campos, também os elementos evocados se mostram distintos. Walcott, em um contexto imediato, é o indivíduo de cultura híbrida que tem nos oceanos uma instituição presente no cotidiano – índice das confluências que há no ambiente caribenho. Campos é o europeu cosmopolita que, no mar, vê uma representação de aventuras e de conquistas, um mundo distante elaborado menos pela vivência e mais pelo conhecimento vicário. Ademais, olha com saudades para o passado, mas sem abandonar a visão racional – engenheiro naval, é capaz de descrever, com precisão, toda a aparelhagem náutica. Se se fazem presentes, na “Ode marítima”, elementos que tendem a uma dimensão metafísica, a observação do técnico se deixa, também, revelar.

E vós, ó coisas navais, meus velhos brinquedos de sonho!
Componde fora de mim a minha vida interior!
Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,
Galdropes, escotilhas, caldeiras, colectores, válvulas,
(PESSOA, 1995, p. 158)

E cá se tem instrumentos que, providos de um carácter que aspirasse à objetividade, tenderiam a se fazer ausentes do texto lírico. Entretanto, a dimensão onírica em que se inserem na pena de Campos bem sanciona uma pertinência ao gênero, sem que, vale dizer, deixe de estabelecer uma prática tão usual no ambiente europeu das primeiras décadas do século 20: a de trazer elementos da vida vivida para a poesia.

Descritivismo, bem pesadas as palavras, não é o tom dominante de “O mar é História”. E se simbolismo não está ausente em Campos, no poema de Walcott que analiso, sempre à luz da tradição cristã, símbolos é o que há – nem sempre apreensíveis como poderia ser, em decorrência do hermetismo das imagens construídas pelo poeta santa-lucense. Segue uma passagem a qual, no percurso da senda comentada, alude a elementos bíblicos:

então, tal qual uma luz no fim do túnel,

O farol de uma caravela,
e foi a Gênese.
Então houve os lamentos abafados:
os expurgos, os queixumes.

Êxodo
Osso unido a osso pelo coral
mosaicos
cobertos pela bênção das sombras eusseláquias.

foi a Arca da Aliança.
(WALCOTT, 1977, p. 25)

Patenteia-se a densidade de “O mar é História”, em que as referências, diluídas no todo do texto, são o elemento estruturador da composição. No primeiro momento, vê-se a alusão à Gênese, reforçando o papel da natureza – o mar – na evolução da História humana, bem como deixando clara a função do homem nesse processo, por meio da figura da caravela. A primeira luz que brota no mundo é marítima, é de uma embarcação – como um símbolo bem distante daqueles propostos por Campos, em sua ânsia aventureira. No mar, nasce a humanidade. Também, por meio dele, espraia-se o homem em êxodo, formando a diversidade de raças e culturas – aproxima e separa os homens. Não é um processo que signifique um remate de males; antes, ele é uma proliferação de sofrimentos. Por fim, faz-se referência à Arca da Aliança, continente das leis judaicas que serviriam para mostrar ao ser humano a presença de Deus na Terra. Confinada no fundo do mar, representa o poder divino de concentrar, em um só elemento, regras que valem para todos os seus filhos, independentemente de sua origem (daí a noção de um mosaico).

O mar desperta em Campos, por seu turno, um anseio desbravador. Não de viagens que marquem a conquista de outros povos (com vistas a ampliar um império) ou de expedições que indiquem o avançar da História da humanidade. Muito pouco nobres são os ideais do eu-lírico em “Ode marítima”.

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos componentes
Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!
Ser quando foi no lugar dos saques!
Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de sangue!
Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,
E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os piratas do mundo!
(PESSOA, 1995, p. 166)

Ser pirata – e inglês, como Jim Barns: eis o que anseia o engenheiro naval. O mundo das espúrias conquistas marítimas e das longas viagens é aquele encerrado

nos desejos do eu-lírico.¹ O mar também é História, mas não a do ser humano ou a de inspiração bíblica, e sim a dos salteadores. Nos oceanos, aprende-se que capitães são mortos por tripulações amotinadas (PESSOA, 1995, p. 164); nele, também se canta: “*Fifteen men on the Dead Man’s Chest. / Yo-ho-ho and a bottle of rum!*” (PESSOA, 1995, p. 164).

Para Walcott, as grandes viagens não são um mero anseio – ou, antes, uma mera reprodução – de aventuras arrebatadas pelos sete mares. Em que pese a referência aos salteadores do mar, “salteadores que assaram carne / deixando, tais quais folhas de palmeira, costelas tostadas pela costa.” (WALCOTT, 1977, p. 26), o eu-lírico de “O mar é História” empresta à maior parcela do seu texto conotações que seguem o percurso da cultura cristã.

Então vieram as irmãs brancas batendo palmas
para o progresso das ondas,
teve-se a Emancipação –
(WALCOTT, 1977, p. 27)

Às “irmãs brancas”, é bem verdade, pode-se creditar o elemento europeu que se coaduna ao cadinho de referências que se observa no Caribe. Em regozijo pela presença do filho de Deus na terra, ecoam sua felicidade por paisagens de além-mar.

Em Campos, contrariamente ao que se poderia pensar, nem tudo é exacerbação: o juízo bem se ilustra pelos seguintes versos, os quais deixam de lado o mar de piratarias em benefício do mar imaginado na infância (nem por isso despido de um recorte histórico) portuguesa.

Minha velha tia, que me amava por causa do filho que perdeu...
Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(...)
Às vezes ela cantava a “Nau Catrineta”
(PESSOA, 1995, p. 172)

A referência a uma cantiga popular lusitana, a “Nau Catrineta”, deixa clara uma mudança de parâmetros, pondo-se à parte, ao menos por momentos, o anelo viajante que toma a quase integralidade do poema. O homem adulto, que vê, nos mares ingleses, um mote para um comportamento desregrado e exacerbado, ao

1 - Não deixa de ser válida a remissão a um outro poeta português do século 20, António Gedeão, que, no conhecido “Poema da malta das naus”, concede a voz lírica ao vulgo marinheiro. Este, em um desafio à ideia de História oficial, sustenta: “*Moldei as chaves do mundo / a que outros chamaram seu, / mas quem mergulhou no fundo / do sonho, esse, fui eu.*” (GEDEÃO, 1987, p. 82)

recordar-se da infância (não inglesa, e sim lusitana), confere uma nota nostálgica à sua ode. A História que se menciona, a esta altura, deixa de lado marcas propriamente comunitárias para se tornar em individual por excelência (não deixando, entretantes, de pertencer a uma memória coletiva). O eu acaba por reconstruir as bases de seu próprio percurso histórico.

A individualidade, embora menos evidenciada que no poema português, também aflora em “O mar é História”.

lá bem longe, além da confusão de recifes,
por onde os homens da guerra deslizaram;

fiando-me nestes óculos de mergulho, serei meu próprio guia.
Tudo é sutil e submarino,
entre colunas de coral,
(WALCOTT, 1977, p. 26)

É, a perspectiva do eu-lírico – e diferentemente não poderia ser –, o índice de observações de tudo o que se oculta no universo pélago. Por mais que se observem alusões épicas, não deixa, “O mar é História”, de ser conduzido por uma abordagem lírica. O oceano, que passa as páginas em busca da História – plano da comunidade –, é perpassado pelo eu, que corta os mares e recorta fatos do mundo ocidental à luz de uma visão que, sendo o reflexo de várias, não deixa de ser única: “serei meu próprio guia”.

No termo dos dois poemas que se analisam, imprimem-se notas que não são exatamente próximas.

E a hora real e nua como um cais já sem navios,
E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira,
Traça um semicírculo de não sei que emoção
No silêncio comovido da minh'alma.
(PESSOA, 1995, p. 179)

e no marulho salgado das rochas
com as suas piscinas marinhas, havia o som
de um rumor sem a emissão de eco

da História, que, de fato, começava.
(WALCOTT, 1977, p. 28)

Se, em Campos, tem-se uma incursão introspectiva, a demonstrar a impossibilidade e o caráter fátuo de tudo o que até então se imaginou, para o eu-lírico de Walcott, o mar e a História são um eterno recomeço, bem como é o

Caribe, em sua efervescência étnica e cultural: “o oceano, no entanto, continuou a passar páginas em branco.” (WALCOTT, 1977, p. 26). Ver o oceano é olhar para a História – comum; a natureza interage com o caminho (marítimo ou não) do homem na Terra. A renascença do caribenho, embora trancafiada nas profundezas oceânicas, não deixa de aflorar. A muitas milhas náuticas está dos devaneios mentais de Álvaro de Campos.

Considerações finais

Se foi possível, no curso de minha exposição, observar-se que a persistência de temas, na Literatura, consiste em algo longe de significar fixidez ou repetição monótona, tenho por certo que os meus propósitos, na elaboração do presente estudo, alcançaram-se. Ao contemplar o tratamento concedido à temática do mar, na esfera da composição lírica, julgo ter verificado uma amostra da diversidade que um mesmo tema pode assumir no contexto de diferentes propostas estéticas, fator que, se aproxima a obra de autores distintos, também tende a distanciar uma da outra. Ao mesmo tempo unindo e separando a poesia de Campos e a de Walcott, o tema em pauta recebeu, na pena dos dois escritores, marcas que tanto estruturam os poemas como os inserem em um determinado plano histórico – fator essencial para reforçar um estatuto do texto lírico que rechace a condição de peça produzida *in absentia* de um contexto situacional.

Abstract

The investigation into themes which constitute a literary piece is a usual task of criticism. By considering the historical embedding of the theme ‘sea’, I analyse, in this article, two poems by important authors of Western tradition: the Portuguese Álvaro de Campos (a heteronym of Fernando Pessoa) and the Santa Lucian Derek Walcott. I recur to references related to the study of themes, the aesthetic project of the focused writers and the dialogue between poetry and reality to read, in a parallel, “Maritime ode” (by Campos) and “The sea is History” (by Walcott). By doing so, I show how a contrast between the I and the world constitutes a historicized view of the ‘sea’.

Key words: Sea; Poetry; History; Álvaro de Campos (Fernando Pessoa); Derek Walcott.

Referências

- GEDEÃO, António. **Poesias completas**: 1956-1967. 10. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987. p. 82: Poema da malta das naus.
- GLISSANT, Édouard. **Caribbean discourse**. Charlottesville: University of Virginia Press, 1992.
- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: 70, 1988.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Fernando Pessoa**: almoxarifado de mitos. São Paulo: Escrituras, 2005. p. 85-118: Engenheiro naval.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia e realidade**: ensaios acerca de poesia brasileira e portuguesa. São Paulo: Cultrix; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.
- MORRIS, Mervyn. Derek Walcott. In: KING, Bruce. **West Indian literature**. 2. ed. London: Macmillan, 1995.
- PASCOAL, Isabel. Introdução. In: PESSOA, Fernando. **Antologia poética**: seguida do “Livro do desassossego”. 2. ed. Lisboa: Ulisséia, 1995. p. 7-29.
- PESSOA, Fernando. **Antologia poética**: seguida do “Livro do desassossego”. 2. ed. Lisboa: Ulisséia, 1995. p. 153-179: Ode marítima.
- PESSOA, Fernando. **Alguma prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- SMEKENS, Wilfried. La thématique. In: DELCROIX, Maurice; HALLYN, Fernand. **Introduction aux études littéraires**: méthodes du texte. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1995. p. 96-112.
- WALCOTT, Derek. **The Star-Apple Kingdom**. New York: Farrar, Straus and Giroux. p. 25-28: The sea is History.

Apêndice – Tradução de “O mar é História”

“O mar é História”

Derek Walcott
(tradução de Antony Cardoso Bezerra)

Onde estão os seus monumentos, suas batalhas e mártires?
Onde está a memória da sua tribo? Estão,

Senhores, naquela catacumba de tons cinza, o mar.
Tem tudo trancado dentro de si. O mar é História.

No início, havia petróleo a esguichar
pesado como o caos;
então, tal qual uma luz no fim do túnel,

O farol de uma caravela,
e foi a Gênese.
Então houve os lamentos abafados:
os expurgos, os queixumes.

Êxodo
Osso unido a osso pelo coral,
mosaicos,
cobertos pela bênção das sombras eusseláquias.

foi a Arca da Aliança.
Então vieram, dos fios esgarçados
da luz do sol no solo marinho,

as harpas lamentosas do cativo babilônico,
quando os cauris brancos se uniram tais quais algemas
sobre as mulheres afogadas

eram, aqueles, os braceletes de marfim
dos Cânticos de Salomão,
o oceano, no entanto, continuou a passar páginas em branco

em busca da História.
Então vieram os homens de olhos pesados como âncoras
que submergiram sem direito a sepultura.

salteadores que assaram carne
deixando, tais quais folhas de palmeira, costelas tostadas pela costa.
então a mandíbula espumosa e enraivecida,

da onda que tragava Port Royal,
Foi Jonas
Mas foi a sua Renascença?

Senhor, é nas areias do mar que está trancada
lá bem longe, além da confusão de recifes,
por onde os homens da guerra deslizaram;

fiando-me nestes óculos de mergulho, serei meu próprio guia.
Tudo é sutil e submarino,
entre colunas de coral,

para além das janelas góticas das hélices marinhas
onde a garoupa de crosta ríspida, com olhos de ônix,
pisca, com o peso de suas jóias, como se fosse uma rainha careca;

e essas grutas ogivais com percevejos
ajustados como são as
pedras em nossas catedrais,

e a caldeira antes dos furacões:
Gomorra. Ossos triturados por moinhos de vento
transformados em calcário e em fubá,

e foram lamentos –
foram só lamentos,
não foi História;

então vieram, como a espuma que se acumula nas margens do rio
as telhas vermelhas das vilas
cobrindo e consolidando-se como cidades,

e, à noite, os coros de mosquitos
e, sobre eles, lanceando
O lado de Deus, espirais

quando do firmamento de Seu filho, teve-se o Novo testamento.

Então vieram as irmãs brancas batendo palmas
para o progresso das ondas,
teve-se a Emancipação –

júbilo, Oh, júbilo –
Desaparecendo rapidamente
Como secam, as rendas marinhas, ao sol,

mas não foi História,
foi apenas fé,
e então cada rocha tornou-se uma nação particular;

então veio a assembléia de moscas,
então veio a garça secretarial,
então veio o sapo-boi coaxando por um voto,

pirilampos com idéias brilhantes
E morcegos como um jato de emissários
E os louva-a-deus, como um exército pardo,

e as lagartas peludas, juízes que

examinam cada caso com precisão,
e então nas folhas negras da samambaia

e no marulho salgado das rochas
com as suas piscinas marinhas, havia o som
de um rumor sem a emissão de eco

da História, que, de fato, começava.